
A Daseinsanalyse clínica de Medard Boss

The Clinical Daseinsanalyse of Medard Boss

DOI: 10.12957/ek.2024.79865

Rafael Monho Ribeiro¹

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / Universidade de Évora

monhorafael@gmail.com

Ida Elizabeth Cardinalli²

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

icardinalli@pucsp.br

RESUMO

A Daseinsanalyse Clínica, jovem abordagem psicológica desenvolvida por Medard Boss sob orientação de Martin Heidegger, a despeito de seu significativo desenvolvimento ocorrido nas últimas décadas, ainda se encontra pouco difundida. Com isso em vista, este artigo visa realizar uma apresentação desta abordagem por meio do resgate da problemática filosófica de origem e de suas repercussões relativas ao horizonte do trabalho clínico. Assim, ele se encontra estruturado em três partes: primeira, apresentação do termo “fenomenologia” ao longo da história da filosofia; segunda, apresentação da recepção da problemática fenomenológica dentro do pensamento heideggeriano, terceira, apresentação das articulações fenomenológicas que constituem a Daseinsanalyse Clínica. O desenvolvimento deste trabalho permite a consideração de que a Daseinsanalyse Clínica se constitui como uma ciência ôntica ramificada na ontologia fundamental heideggeriana.

Palavras-chave

Daseinsanalyse. Daseinsanalyse Clínica. Medard Boss. Termo Fenomenologia.

¹ Doutorando, mestre e especialista em Psicologia Clínica; graduado em Psicologia e em Filosofia. Atualmente atua como psicoterapeuta clínico e realiza programa de doutoramento-sanduíche no exterior (PDSE) sob fomento da Capes. Orcid: 0000-0002-8883-1604.

² Psicóloga clínica, Professora da Graduação e Pós-Graduação de Psicologia Clínica da PUC/SP. Membro e professora da Associação Brasileira de Daseinsanalyse (ABD). Orcid: 0000-0002-0075-9004.

ABSTRACT

Clinical Daseinsanalyse, a young psychological approach developed by Medard Boss under the guidance of Martin Heidegger, despite its significant development in recent decades, is still not widespread. This article aims to present this approach by rescuing the original philosophical problem and its repercussions regarding the horizon of clinical work. Thus, this work is structured in three parts: first, presentation of the term “phenomenology” throughout the history of philosophy; second, presentation of the reception of the phenomenological problematic within Heideggerian thought, third, presentation of the phenomenological articulations that constitute Clinical Daseinsanalyse. The development of this work allows the consideration that Clinical Daseinsanalyse constitutes an ontic science branched from Heidegger's fundamental ontology.

Keywords

Daseinsanalyse. Daseinsanalyse. Medard Boss. Term Phenomenology.

INTRODUÇÃO

Ao final do século XIX psiquiatras como Karl Jaspers (1883-1969); Victor von Gebattel (1883-1976); Eugene Minkowski (1885-1872); Ludwig Binswanger (1881-1967), encontravam-se insatisfeitos com os fundamentos teóricos da Psiquiatria por entenderem não serem adequados à compreensão e ao tratamento do humano uma vez que seus fundamentos estavam enraizados no paradigma científico das ciências naturais. Desde modo, estes psiquiatras buscaram apoio em diversos trabalhos filósofos, entre eles, nos trabalhos de Edmund Husserl, e frequentemente, na obra *Ser e Tempo* (1927) de Martin Heidegger (1889-1976) foi objeto de especial interesse.

Sob a influência deste mesmo movimento, o psiquiatra suíço de formação psicanalítica Medard Boss (1903-1990), em contato com Heidegger, organizou uma série de seminários entre o filósofo e um grupo de psiquiatras com a finalidade de promover discussões e compreensões que pudessem fomentar o surgimento de uma nova ciência relativa aos mesmos campos no qual se encontra a Psiquiatria e a Psicologia, porém enraizada, não no paradigma das ciências naturais, mas sim na visão heideggeriana de humano como *Dasein*. O material produzido nestes seminários foi organizado e publicado sob o título *Seminário de Zollikon*. Como resultado destes seminários e das muitas discussões e ensinamentos entre o filósofo e o psiquiatra, deu-se o surgimento da Daseinsanalyse Clínica³.

³ Cardinalli (2012) propõe o termo “Daseinsanalyse Clínica” como modo de distinguir do termo, puramente filosófico *Daseinsanalyse*. Sendo assim, designa uma abordagem concernente ao trabalho clínico-psicológico e não um termo filosófico, e por esta razão, mantivemos o termo em língua estrangeira.

A abordagem psicológica “Daseinsanalyse Clínica” à despeito de seu significativo desenvolvimento ocorrido nas últimas décadas, ainda se encontra pouco difundida. Visando sua difusão e desenvolvimento se faz necessária uma apresentação que explicita sua natureza e relação com pensamento fenomenológico ao mesmo tempo que a distinga em suas especificidades dentro de seu campo ôntico. Sendo assim a explicitação do desenvolvimento do termo “fenomenologia” ao longo da história da filosofia, a explicitação de sua recepção e sentido dentro da filosofia heideggeriana, e a explicitação sua compreensão e horizonte clínico apreendidos pelos pensamentos bossiano, se mostra como um caminho necessário para apresentar a Daseinsanalyse Clínica.

1 FENOMENOLOGIA

O termo Fenomenologia designa estudo ou ciência do fenômeno (Dartigues, 2013, p. 9). Sua etimologia o revela como a junção de duas palavras gregas, a primeira pouco utilizada pela Filosofia grega, a palavra *phainómenon*, traduzida como aparência. Aristóteles, em seus estudos sobre Astronomia, a utiliza para falar sobre “fenômenos da esfera, do sol e da lua”; nesse mesmo sentido, Epicuro a emprega para falar sobre os “fenômenos do céu” (Idem, p.111). A segunda amplamente usada pela Filosofia grega como um de seus principais conceitos, refere-se a *logos*: palavra de ampla semântica, comumente traduzida como discurso, razão universal, raciocínio, conceito e faculdade (Gobry, 2007, p. 89).

Se por um lado a etimologia da palavra Fenomenologia remete à Filosofia grega, por outro, o termo Fenomenologia se estabelece na filosofia alemã, e, portanto, não é tão longínquo quanto os tradicionais termos gregos. Historiadores da Filosofia (Abbagnano, 2000, p. 437) avaliam que seu termo tenha sido cunhado por um aluno do eminente filósofo alemão Christian Wolff (1679-1754), Johann Lambert (1728-1777), que teria então apresentado o termo Fenomenologia na parte de seu livro *Novo Organon* (1764) para designar uma teoria que revelava as ilusões provenientes das aparências.

Teria sido sob essa perspectiva que Immanuel Kant (1724-1804), influenciado pela Filosofia de Wolff, e em contato direto com a ideias de Lambert, admitira esse termo. Assim, em correspondência a Lambert, Kant revelou um esboço de um plano para seu livro *Crítica da razão pura* (1781), em que revelava que pretendia intitular a primeira seção da primeira parte do livro como *Fenomenologia Geral*, (posteriormente essa mesma

parte fora intitulada *Estética Transcendental*, enfatizando a estrutura pela qual o humano se afeta, ou seja, por aquilo que está à sua volta, em vez de, possivelmente, enfatizar a própria natureza aparente ou ilusória daquilo que o circunda). No pensamento kantiano, *fenômeno* designa objetos da experiência como “uma manifestação externa de uma força invisível” (Caygill, 1995, p. 149) e se opõe ao conceito de “coisa em si”, como sendo passível de conhecimento quando subsumido à estrutura cognoscível do humano.

O termo fenomenologia, porém, só se torna corrente na história da filosofia a partir do livro *Fenomenologia do Espírito* (1806) de Friedrich Hegel (1770-1831). Para Hegel, fenomenologia dizia respeito a um tipo de sistema de erros da consciência, em outras palavras, a como a consciência se perde de suas certezas na dimensão dos fenômenos, e em meio a esse processo, se dirige ao absoluto. Para Hegel, fenomenologia seria “como um saber da experiência que faz a consciência” (Zilles, 1996, p. 6).

No século XX, o termo Fenomenologia ganha outro sentido através dos trabalhos de Edmund Husserl (1859-1938), quando então, fundamentado nos trabalhos de Franz Brentano (1838-1917) sobre a intencionalidade, Husserl propõe não haver separação entre essências e fenômenos, entre a dimensão do ser e a dimensão do parecer.

Assim, a compreensão de fenômeno sofre uma alteração fundamental a partir da compreensão husserliana. Até Husserl, a ideia de fenômeno era regida pela clássica compreensão filosófica sobre a distinção entre essência e aparência, distinção esta inaugurada pelo pensamento platônico em sua dicotomia entre mundo inteligível e mundo sensível. Desde então, os filósofos buscavam se afastar das aparências como uma possível fonte de erros e ilusões em busca das essências, para tal, recorriam a diferentes⁴ métodos de investigação. No pensamento fenomenológico husserliano, deixa de haver separação entre essência e aparência, e seu objeto de estudos, os objetos da consciência, passam a ser compreendidos como intencionais e reais. Husserl passa a entender como fenômeno tudo aquilo que intencionalmente está presente na consciência.

Portanto, o termo Fenomenologia, ainda que tenha sofrido diversas modificações ao longo da história da Filosofia, a partir de diferentes correntes do pensamento filosófico, sempre esteve vinculado a um modo de compreender e tratar determinados temas, ou seja,

⁴ Nesse sentido, os métodos de pesquisa mais tradicionais se deram por meio daquilo que ficou conhecido como “Racionalismo” e “Empirismo”.

“Fenomenologia” sempre designou um modo de compreensão e tratamento de certos temas filosóficos.

2 FENOMENOLOGIA DE MARTIN HEIDEGGER

Na filosofia de Martin Heidegger, precisamente em seu livro *Ser e tempo* (1927), a Fenomenologia passa a ser compreendida de uma maneira mais radical, deixando de ser um modo de compreensão de determinados temas e passando a ser considerada como o modo original e basilar para todo e qualquer modo de compreensão. Logo, fenomenologia, para Heidegger, se constitui como a própria filosofia. “Ontologia e fenomenologia não são duas disciplinas diversas que, ao lado de outras, pertencem à filosofia. Ambos os termos caracterizam a filosofia ela mesma, segundo o objeto e segundo o modo-de-tratamento” (Heidegger, 2012, p. 129).

A consequência dessa posição de Heidegger sobre a fenomenologia é que ela passa a ser o lugar por excelência do qual se derivam todas as outras formas de conhecimento. Nesse sentido, seu projeto está em consonância com o projeto kantiano por uma filosofia que teria a função de estabelecer as condições de possibilidade para tudo aquilo que possa ser conhecimento. Porém, as propostas de cada um desses filósofos para a realização de tal finalidade têm significativas diferenças.

No prefácio de seu livro, Kant escreve: “[...] pois a questão fundamental reside sempre em saber o que podem e até onde podem o entendimento e a razão conhecer” (Kant, 2001, p. 8). Assim, ele encaminha o projeto de uma filosofia que, a partir da análise das estruturas do conhecimento do humano, passa a ter função de estabelecer as condições para todo o conhecimento. Por outro lado, Heidegger opta por encaminhar seu projeto apoiado na reformulação da antiga pergunta sobre o *ser*, recorrendo à tradicional distinção entre ser e ente para dizer que “[...] a elaboração concreta da pergunta pelo sentido de ‘ser’ é o objeto do tratado que segue” (Heidegger, 2012, p. 31). Logo, “ser” sendo aquilo que tem a função de designar tudo daquilo que é, e ainda, uma vez que todo conhecimento necessariamente se realiza a partir de uma manifestação de ser, (ou seja, toda ciência possível diz que algo é alguma coisa), consequentemente o problema do ser passa a se apresentar como o problema mais fundamental de todos os problemas possíveis.

Tal como Kant, Heidegger encaminha o seu projeto a partir do tema do humano pois entende que é ele quem é capaz de fazer a pergunta pelo ser. Porém, justamente nesse ponto reside uma diferença fundamental sobre o modo como cada um desses filósofos realizam suas investigações a partir do humano. Enquanto Kant a realiza baseado em estruturas constituintes da cognição, Heidegger a realiza fundamentado nas estruturas existenciais relevadas no existir. Assim, diferente de Kant, para Heidegger essas estruturas não são as condições que possibilitam a experiência ou o conhecimento, mas são constituídas na própria experiência, em outras palavras, na própria existência. Logo, é desse ponto de onde emerge a fenomenologia para Heidegger, da atividade do existir.

No entanto, há também uma articulação fundamental com o pensamento husserliano que constitui a fenomenologia heideggeriana. Seguindo o princípio husserliano da não distinção entre essência e aparência⁵, Heidegger retoma a etimologia da palavra fenômeno, *phainomenon*, verbo *phainestai*, para explicitar que se trata “daquilo que se mostra a si mesmo”, assim distingue de *Schein*, ilusão e *Erscheinung*, aparência. Sobre os fenômenos, Heidegger considera também que eles devem ser demonstrados diretamente e não postulados a partir de teorias ou doutrinas tradicionais. (Inwood, 2002, p. 66)

Portanto, fenomenologia para Heidegger não está relacionada ao “o quê” das coisas, ao “conteúdo de coisas dos objetos”, mas sim ao seu “como”, logo, fenomenologia exprime a máxima “às coisas mesmas”, no sentido de “[...] deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo”. (Heidegger, 2012, p. 101)

Desse modo, a fenomenologia é necessária porque alguns temas estão velados, conforme explicita Inwood, “[...] velados não porque ainda não os descobrimos ou simplesmente os esquecemos, mas porque ou estão muito próximos e familiares para que os notemos ou estão enterrados sob conceitos e doutrinas tradicionais”. (Inwood, 2002, p. 66)

Heidegger compreende o humano como um ser-aí, em alemão, como um *Da-sein*. Se o humano é compreendido como um *Dasein*, uma investigação radical sobre ele deve encaminhar o esclarecimento sobre o problema do ser, e como consequência, revelar os fundamentos para toda ciência possível. Essa investigação deve ser intitulada de analítica do *Dasein*, em alemão *Daseinsanalytik*.

⁵ Heidegger afirma: “O fenômeno é a essência daquilo que se mostra”. (Heidegger, 2009, p. 214)

Porém, Heidegger faz a distinção entre analítica do *Dasein* como o estudo das estruturas existenciais e o caráter “acontecendo”, ou em movimento, ou em realização dessas estruturas. A esse caráter acontecendo do *Dasein*, Heidegger nomeia de Daseinsanalyse. “No decorrer da analítica do *Dasein* em *Ser e tempo* eu também falo de Daseinsanalyse, com o que quero dizer o exercer da analítica”. (Heidegger, 2006, p. 154)

3 DASEINSANALYSE CLÍNICA DE MEDARD BOSS

Ao longo dos séculos XIX e XX, em meio a “crises das ciências”⁶, pesquisadores desiludidos com os métodos positivistas e com as sistematizações metafísicas buscavam um novo método de pesquisa; assim, a Fenomenologia foi absorvida por diferentes áreas do conhecimento. Logo surgiram trabalhos como Geografia fenomenológica (1847) de William Whewell (1794-1866) e Fenomenologia física geral (1894) de Ernst Mach (1838-1916) (Dartigues, 2013, p. 9), porém foi no campo das ciências humanas, em razão da natureza extremamente complexa de seu objeto de estudo, que a fenomenologia encontrou maior repercussão. Muito rapidamente surgiram diversas “fenomenologias”, fenomenologia da vida afetiva, fenomenologia da religião, fenomenologia da arte, fenomenologia do direito, fenomenologia dos fatos sociais (Idem, p. 31), sendo a maior parte delas de inspiração husserliana.

Dentro desse amplo movimento, que não abarcava apenas o campo das ciências humanas, podemos observar o surgimento de diversos estudos vinculados à Psicologia e à Psiquiatria orientados pela perspectiva fenomenológica (Jaspers, 1913-2000; Binswanger, 1922-2019; Minkowski, 1933-1973). Assim, nessa esteira, Medard Boss, psiquiatra suíço de formação psicanalítica, em um primeiro período teria sido influenciado pelas obras desses autores citados, em especial por Binswanger⁷, (BOSS, 1949 e 2019) para então, em momento posterior, buscar na fenomenologia de Heidegger novos fundamentos para sua prática clínica.

⁶ Este termo foi cunhado por Husserl, por volta de 1930, para caracterizar e denunciar aquilo que ele entendia como o fracasso das ciências ao pretender a matematização do mundo, e por consequência, sua substituição à própria natureza. (Husserl, 1996)

⁷ Além de Binswanger, outro autor que exerceu forte influência no pensamento de Boss, durante esse período intermediário, entre orientação psicanalítica e daseinsanalítica heideggeriana, foi Sartre. Nesse sentido, Boss relata sobre seu encontro com Heidegger: “Heidegger primeiro teve que me dissuadir do pensamento existencialista de Sartre e Binswanger. Particularmente, até meu encontro pessoal com Heidegger, eu considerava Sartre e Binswanger, como intérpretes competentes da análise do *Dasein*”. (Boss, 2019, p. 185)

Boss, antes de entrar em contato com o pensamento fenomenológico, havia passado por consistente formação psicanalítica, tendo contato direto com Sigmund Freud (1857-1939), com quem teve supervisão didática, e também sido assistente do psiquiatra suíço Eugen Bleuler (1857-1939) em Zurique no Hospital Burghölzli. Posteriormente Boss foi orientando de Gustav Jung (1875-1971) por um período de mais de 10 anos. (Cardinalli, 2012, p. 35)

Segundo seu próprio relato, ele se viu forçado a buscar novos fundamentos para sua atividade como psiquiatra, quando constatou que os fenômenos clínicos que experienciava se mostravam irreduzíveis e inadequáveis às teorias psicanalíticas que havia aprendido. Desse modo, buscou novas bases para sua atividade clínica nos trabalhos de Heidegger tendo em vista corresponder às exigências dos fenômenos clínicos que experienciava em sua prática clínica e que para os quais não encontrava reverberação dentro do pensamento psicanalítico. Assim, em pouco tempo, Boss estabeleceu contato com Heidegger⁸, que rapidamente passou a ser seu professor e tutor em um projeto por uma fenomenologia voltada ao âmbito da psiquiatria e da prática psicológica que correspondesse às solicitações clínicas que poderiam ser iluminadas por um olhar Daseinsanalítico. Mais tarde, esse projeto estendeu-se passando a visar também os fundamentos da Medicina, da Psicologia Social, e a crítica à sociedade industrial moderna.

Ao longo da segunda metade do século XX, esse projeto se constitui com o nome Daseinsanalyse ou Daseinsanalyse Clínica. Entre os principais trabalhos que esclarecem o projeto estão os livros *Psychoanalysis & Daseinsanalysis* (1963) e *Existential Foundations of Medicine & Psychology* (1979).

Com base na Ontologia Fundamental⁹ de Heidegger e nos encontros dos seminários de Zollikon, Boss vislumbrou uma possível ciência ôntica que pretendia corresponder às mesmas exigências clínicas que tradicionalmente cabiam à Psiquiatria e

⁸ Vale destacar que contato de Boss com Heidegger se deu durante dentro do período heideggeriano conhecido como “a viragem” (*die Kehre*), de modo que, apesar de não explicitamente tematizada pelo psiquiatra, é possível observarmos influências deste período em seu pensamento. A principal delas é justamente o caráter da “verdade do ser” enquanto “fenômenos apelam por desvelamento”.

⁹ Heidegger, em *Ser e tempo*, propõe uma Ontologia Fundamental, ontologia esta capaz de revelar a estrutura fundamental do sentido de ser, que seria central a toda e qualquer ontologia ou ciência possível, uma vez que todas elas, necessariamente, precisariam recorrer a uma certa compreensão ou proposição sobre ser, tendo em vista que sempre se trata de algum tipo de afirmação sobre algo, ou seja, sobre algum tipo de sentido de ser é preciso ser proposto. Tal questão pode ser apreciada em Monho, 2020.

à Psicanálise. No entanto, em sua perspectiva, essa ciência dizia respeito a descrever os fenômenos que se mostravam a um determinado *Dasein* existente. Tal descrição, na perspectiva do trabalho clínico psicológico, se daria por “desvelamento” (*aletheia*), que por sua vez ocorreria através do método fenomenológico. Em tal desvelar estaria o princípio do trabalho psicoterapêutico e o núcleo da dicotomia patológico/saudável que se apresentaria na perspectiva da liberdade do *Dasein*.

Não é à toa que, talvez, o ponto de maior insistência de Boss em seus trabalhos seja justamente a questão do desvelamento daquilo que chega até *Dasein* em seu mundo, e assim, revela sua condição patológica ou saudável, pois este indica a questão central que diferencia sua compreensão de humano, e consequentemente de adoecimento, das compreensões psicológicas tradicionais, em especial da Psicanálise.

Para Boss, o humano não adoece, por exemplo, como um equipamento danificado que para de funcionar ou funciona deficitariamente, ou seja, não se trata de um computador, ou de uma impressora que não puxa mais o papel, porque uma peça dentro dela se danificou ou porque algo interno obstruiu seu correto funcionamento. Para Boss, o humano adoece quando lhe chegam fenômenos que solicitam dele um desvelamento e correspondência que, naquele momento, ele não está sendo capaz de realizar.

Cotidianamente, nos deparamos com fenômenos e não estamos em regime de desvelamento absoluto, mas nem por isso adoecemos, ou apresentamos “sintomas”. Porém, há certos fenômenos que insistem em aparecer e que clamam por desvelamento. É justamente o desvelamento desses fenômenos que coloca *Dasein* em consonância com sua própria natureza, ou seja, como clareira de desvelamento. Desvelar¹⁰ esses fenômenos significam “salvar” no sentido holderlinano e, nesse sentido, salvar não quer dizer retirar a tempo da destruição o que se acha ameaçado em continuar a ser o que vinha sendo, mas sim chegar à essência, a fim de fazê-la aparecer em seu próprio brilho. (Heidegger, 2002, p. 31)

As passagens em que Boss insiste em afirmar que a existência humana é a capacidade de reconhecer e corresponder aos fenômenos que lhe chegam são inúmeras, pois ele procurava destacar a mudança de paradigma sobre o adoecer, afirmando que o

¹⁰ Desvelar não quer dizer compreender racionalmente ou teoricamente, mas, em conexão aos fenômenos, se encontrar com eles.

adoecer não é uma espécie de colapso interno, mas sim um problema na abertura em relação aos fenômenos. Destacamos abaixo algumas dessas passagens¹¹:

A ciência Daseinsanalítica do homem e de seu mundo nos pede apenas para olhar para os próprios fenômenos de nosso mundo, conforme eles nos confrontam, e permanecer com eles tempo suficiente para nos tornarmos plenamente conscientes do que eles nos dizem diretamente sobre seu significado e essência. (Boss, 1963, p. 30)

A liberdade do homem consiste em estar pronto para aceitar e deixar ser tudo o que é, para deixá-lo brilhar na abertura do mundo como ele existe. (Idem, p. 48)

Chamaremos a nova orientação sobre o homem de método investigativo fenomenológico-existencial. Ela se atém estritamente aos fenômenos que diretamente lhe aparecem, e não tem outra finalidade senão articular os sentidos e os contextos de referência que os fenômenos revelam eles mesmos. (Boss, 1979, p. 78)

A existência humana é a capacidade responsiva de se relacionar e de responder às coisas segundo elas mesmas. (Idem, p. 90)

A abertura da existência humana consiste na capacidade de perceber a presença e o sentido de tudo o que aparece, é a capacidade de responder significativamente ao sentido percebido desses fenômenos de maneira que corresponda ao seu sentido. (Idem, p.118)

Ao comentar um caso clínico, Boss fala sobre a tarefa fundamental encontrada por seu paciente: “A grande tarefa que lhe é colocada como ser-no-mundo é a tarefa de enfrentar tudo o que se dirige a ele do âmbito da abertura do seu ser-aí, de modo a responder adequadamente a esse apelo”. (Boss, 1963, p. 279)¹²

A questão da liberdade é suplementar a essa e, em razão da sua extensão e complexidade, nos reservaremos a apresentá-la em um segundo trabalho. Aqui seria suficiente ressaltar que liberdade para Heidegger e Boss não significa dar a si a própria lei ou determinar-se de acordo com a vontade. Contrariamente, a liberdade não diz respeito ao desejo ou ao querer humano, mas sim ao desvelamento dos fenômenos que veem a nós.

¹¹ As passagens a seguir foram por nós traduzidas do inglês.

¹² Vale destacar que uma compreensão próxima a esta, a respeito da noção de saúde/doença, está vigorosamente presente no pensamento do filósofo Hans-Georg Gadamer. Tal compreensão pode ser reconhecida em três pontos: em sua crítica ao modelo das ciências médicas, enquanto “ciência da doença”, que vê a doença como um mal que deve ser eliminado, e não uma ocasião de esclarecimento segundo o humano que adoecer; na tarefa hermenêutica/fenomenológica favorável a tal esclarecimento; e principalmente, na “harmonia oculta” entre natureza e humano, em jogo no caráter oculto da saúde. (Gadamer, 2006, p.120)

Nesse sentido, podemos observar uma mesma compreensão de liberdade no pensamento de Boss e Heidegger. O filósofo diz:

[...] a essência da liberdade não pertence originariamente à vontade; tampouco se reduz à causalidade do querer humano; a liberdade tem seu parentesco mais próximo e mais íntimo com o dar-se do desencobrimento [...]. A liberdade é o reino do destino que põe o desencobrimento em seu próprio caminho. (Heidegger, 2002, p. 28)

Assim podemos considerar que a relação entre Daseinsanalyse Clínica e a Ontologia Fundamental ocorre sob dois aspectos: primeiro, epistemológico, uma vez que a Daseinsanalyse Clínica é fundamentada pela Ontologia Fundamental, o que significa que ambas compreendem o humano como *Dasein*; segundo, metodológico, uma vez que elas compreendem o método fenomenológico como o modo de acesso aos fenômenos.

A relação entre elas, porém, não é conceitual, ou seja, a Daseinsanalyse Clínica não deve importar para si os conceitos do pensamento filosófico heideggeriano, nem mesmo basear-se neles a fim de compreender os fenômenos que se mostram a um determinado existente a partir de compreensões prévias, pois isso significaria ser contrário ao pensamento fenomenológico, que busca a compreensão do próprio fenômeno. Heidegger alerta que, na relação psicoterapêutica, os fenômenos devem ser compreendidos “a partir de si em seu conteúdo fenomenal” e não a partir da subordinação a um conceito¹³. Assim, o modo de acesso aos fenômenos de um determinado *Dasein* deve ocorrer primariamente por meio do método fenomenológico e não por elementos conceituais ou teóricos, ainda que esses sejam constituintes da própria filosofia heideggeriana. Nesse sentido, podemos observar as seguintes considerações de Heidegger:

Novamente, que compreender Ser e tempo como uma antropologia é uma interpretação errônea. (Heidegger, 2006, p. 161)

A propósito, deve-se observar que aquilo que na analítica do *Dasein* é destacado em relação ao *Dasein* e sua estrutura existencial é limitado pela tarefa fundamental da questão do ser [...]. Por isso, não há uma analítica do *Dasein* que pudesse corresponder às exigências de completude para a fundamentação de uma antropologia filosófica. (Idem, p. 164)

¹³ É decisivo que cada fenômeno que surge na relação de analisando e analista seja discutido em sua pertinência ao paciente concreto em questão a partir de si em seu conteúdo fenomenal, e não seja simples e genericamente subordinado a um existencial. (Heidegger, 2009, p. 163)

A Daseinsanalyse como ciência ôntica seria uma ciência inteiramente nova. Ciência significa a ordenação sistemática de interpretações de experiências [...]. O polo de unidade na ciência psicoterápica é o homem que existe. (Ibidem, p. 247)

Obviamente isso não significa que devemos nos restringir àquilo que há de mais essencial ao pensamento heideggeriano e descartar todo o resto como um tipo de “filosofia secundária” que nada tem a acrescentar ao trabalho clínico. Mas quer dizer que jamais podemos deixar de orientar a nossa compreensão por aquilo que se mostra, em vez de orientá-la baseada em pré-compreensões oriundas de conceitos.

O surgimento da proposta da Daseinsanalyse Clínica encontra na Fenomenologia e na Psicanálise concepções compreensivas absolutamente decisivas para a sua formulação. Já em relação à fenomenologia heideggeriana, caberia ao pensamento daseinsanalítico orientar-se por sua compreensão de humano enquanto *Dasein*, sua compreensão segundo a diferença entre as dimensões ôntica e ontológicas, pela distinção entre ontologia fundamental e ontologias regionais, e pela aplicação do método fenomenológico como um caminho para a explicitação dos fenômenos clínicos. Porém, sob tal compreensão deveria se manter uma atenção permanente para que ela jamais tomasse as considerações fenomenológicas como um tipo de antropologia descritiva ou como qualquer forma de metodologia técnica, sob pena de perder a primazia do revelar fenomênico.

Em relação à Psicanálise, caberia ao pensamento daseinsanalítico ser capaz de realizar uma espécie de “aproveitamento crítico” de suas “descobertas”, podendo assim distinguir entre aquilo que pertenceria a dimensão reducionista da apreensão dos fenômenos, como uma compreensão proveniente, não propriamente das experiências clínicas, mas sim da orientação da metapsicologia freudiana¹⁴, daquilo que pertenceria à abertura clínica ao revelar dos fenômenos na realização da atividade clínica (o que Boss chamou de “intrínseca harmonia entre a terapia psicanalítica e *Daseinsanalyse*”). (Boss, 1963, p. 61)

14 A metapsicologia freudiana é tema recorrente na obra de Boss. Para o psiquiatra suíço, Freud, frente a sua necessidade de, a partir modelo explicativo das ciências naturais, sustentar explicações a respeito dos fenômenos clínicos, se viu forçado a propor uma de ciência ficcional que se estendia para além daquilo que estes fenômenos revelavam. Esta ciência teria sido, justamente, intitulada de metapsicologia (para além da Psicologia), mas aos poucos teria perdido sua “justeza” de caráter ficcional e absorvida enquanto teoria psicanalítica. (Boss, 2020, p.17). Para um aprofundamento neste tema consultar Evangelista, 2004.

Porém, apenas uma articulação entre Fenomenologia heideggeriana e Psicanálise freudiana não seria suficiente para a constituição de uma proposta de compreensão dos fenômenos clínicos de caráter psicoterapêutico se não houvesse a constituição de um novo elemento de entendimento capaz de conectar, naquilo que era possível, essas duas correntes de pensamento, que dissesse respeito ao que deveria ser a natureza patológica ou da doença.

Boss recorre a elementos constituintes do pensamento fenomenológico, para então encontrar uma compreensão sobre o que deveria ser um entendimento da natureza da doença. Desse modo, uma vez que o projeto heideggeriano não pretendia apenas a explicitação filosófica daquilo que seria o sentido de ser, mas principalmente a explicitação da experiência de ser, isto é, o próprio revelar-se fenomênico como atividade a ser experienciada, Boss parece aí, sob orientação de Heidegger, encontrar, no cerne do projeto de *Ser e tempo*, elementos para a elaboração de um novo entendimento sobre o que deveria ser a “doença”.

Partindo de tal compreensão, Boss dá os primeiros passos para a configuração do que deveria dizer respeito a uma psicopatologia daseinsanalítica. Nesse sentido, Cardinalli destaca que Boss afirma que “[...] a psicopatologia daseinsanalítica deve se ocupar com trazer à luz o que se mostra do próprio fenômeno” (Cardinalli, 2012, p. 79). Podemos também observar o desenvolvimento da mesma ideia nas próprias palavras de Boss ao refletir que a investigação daseinsanalítica procura focalizar os fenômenos que estão diretamente visíveis, não tendo outro propósito além de articular a significatividade e os contextos de referência em que os próprios fenômenos se revelam. (Idem, p. 81)

Boss se encontra diante de um tipo de lacuna que se abre na relação de experiência de *Dasein* e o revelar-se fenomênico, ou seja, muitas vezes há algo sobre a dimensão dos fenômenos que surgem para *Dasein* e que ele deixa de experienciar ou que experiencia de modo demasiado pobre, cuja natureza, no campo da Daseinsanalyse Clínica, não diz respeito, em especial, à dinâmica existencial cotidiana de *Dasein* tal como apresentada em *Ser e tempo*, e nem apenas às possibilidades que um determinado período restringe e favorece (Ibidem, p. 92), mas sim, ao âmbito singular, a algo relacionado à constituição dos contornos de uma trajetória de vida.

Nesse sentido, os primeiros passos dados por Boss para um entendimento do que deveria ser a natureza de tais contornos, estão naquilo que ele nomeou de “incidentes

biográficos patogênicos”. Boss oferece uma explicação precisa daquilo que isso deveria ser:

Incidentes biográficos patogênicos são motivos que induzem uma pessoa a restringir ou a se fechar parcialmente para a abundância de suas possibilidades inatas de relação, de modo que ela realiza apenas alguns poucos modos neuróticos de relação com seu mundo. (Cardinalli, 2012, p. 89)

Em outras palavras, isso quer dizer que certas experiências vividas por *Dasein* têm o poder de implicar um tipo de lastro que limita ou restringe determinados aparecimentos fenomênicos. Porém, isso não quer dizer que tais fenômenos deixem de ocorrer para um *Dasein*, mas sim que ele fica restrito ao seu revelar. Como veremos nos casos clínicos apresentados por Boss, é justamente na ocorrência repetitiva e insistente desses fenômenos, no mundo de um *Dasein* singular, em face a uma dada restrição, a um dado de não reconhecimento e correspondência aos apelos destes fenômenos, que *Dasein* passa a estar em condição patológica.

Assim, teria sido a partir do entendimento dos “incidentes biográficos patogênicos” que Boss desenvolve uma segunda, e mais bem acabada, compreensão daquilo que influenciaria de maneira decisiva os quadros patológicos, a qual diz respeito à noção de gênese motivacional, que envolveria a ideia de que restrições que limitaram a manifestação de certos fenômenos ocorreriam não simplesmente em função da ocorrência de determinados eventos, mas sim em função de um dado modo de compreender certas vivências que implicariam modos perpétuos que “[...] motivaram um ser humano a se conduzir.” (Ibidem, p. 90). Cardinalli explica:

A perspectiva Daseinsanalítica motivacional inclui as experiências do passado, a influência dos pais e do contexto social mais amplo; contudo, não considera que os acontecimentos da história de vida de um homem operam independentemente da presença e de algum entendimento do próprio homem. O motivo pressupõe que alguém, em primeiro lugar, tenha entendido uma como coisa, como tal e que a qualidade dessa coisa motive-o a fazer algo dela. (Ibidem, p. 92)

Vale observar que a noção de gênese motivacional, ainda que orientada pela temporalidade heideggeriana, não equivale a esta. Enquanto o existencial heideggeriano explicita a temporalização de *Dasein* segundo uma designação como: “[...] o *Dasein* só retrovém do (passado) advindo (futuro) a si; e porque retrovém ao advir, é que gera o presente.” (Nunes, 2002, p.25); a gênese motivacional de Boss visa enfatizar um modo-

de-ser que motiva um determinado modo de experienciar, isso se opõe, não exatamente a uma outra estrutura temporal, mas a uma outra compreensão orientada por uma outra estrutura temporal, a saber a explicação relativa ao modelo causal, que compreende que um evento, por si mesmo, determinada suas consequências naquele que foi afetado por ele, sem participação compreensiva, ou ativa, do mesmo.

Baseado na noção de gênese motivacional, Boss passa a ter uma melhor compreensão daquilo que implicaria o adoecer. No entanto, antes mesmo de propor de maneira mais precisa o que viria a ser a doença ou o patológico, Boss faz um movimento semelhante àquele que Kant havia proposto em relação à compreensão dos objetos do conhecimento. Boss desloca o enfoque da natureza da doença como classe nosológica fixa e estabelecida, para a experiência do humano que está doente, ou seja, em vez de se perguntar sobre o que vem a ser o fenômeno da doença para então posteriormente aplicá-lo para determinar se alguém está doente ou não, ele passa a questionar o que é a doença segundo o doente. A doença passa a ser vista como uma experiência vivida por um indivíduo que a manifesta, em vez de compreendida como uma classe nosológica/conceitual a ser aplicada a diversos casos. Nesse sentido:

Medard Boss considera que o mais importante para a Medicina e a Psicologia não é o entendimento das doenças mesmas e, sim, do ser humano que está doente. Assim, ele desloca o entendimento da doença para o entendimento do homem que está doente, isto é, para a compreensão da experiência do doente. (Ibidem., p. 106)

Seguindo tal evolução compreensiva, Boss passa a propor uma compreensão da doença como privação de possibilidade de *Dasein* responder livremente a seu existir. Boss escreve que, em qualquer doença, certas potencialidades de uma pessoa para relacionar-se com aquilo que encontra tornam-se menos disponíveis do que outras (Ibidem, p. 98). Cardinali esclarece ao falar sobre Boss:

O autor também esclarece que a natureza do fenômeno do adoecimento – e, assim, a doença – pode ser compreendida como privação da realização das possibilidades existenciais constitutivas dos modos de ser do existir humano, quando este é entendido como *Dasein*. (Ibidem., p. 97)

Portanto, podemos observar como a Daseinsanalyse Clínica fundamentada na fenomenologia heideggeriana e baseada na psicanálise freudiana, por meio dos trabalhos de Boss, ganha autonomia e contornos absolutamente independentes e próprios. Vale

ressaltar que ainda que sua ênfase tenha se dado com vistas ao desenvolvimento do trabalho clínico/psicológico, ela passa a possibilitar não apenas este, mas visa oferecer também um novo paradigma para toda a ciência concernente a saúde do humano, seja esta de caráter psicológico, médico, social ou epocal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apreciarmos o desenvolvimento do termo fenomenologia ao longo da história da filosofia podemos observar que ele possui diferentes sentidos a depender do filósofo em questão, em alguns casos, como entre Kant e Heidegger, a distinção é tamanha que beira a oposição. Uma investigação sobre tal questão parece ser relevante não apenas aos filósofos, naquilo que concerne ao âmbito dos temas que envolvem a história da filosofia, como também aos fenomenólogos-daseinsanalista em relação não apenas à história de sua ciência, como também à maior acuidade sobre os conceitos fundamentais desta ciência. Neste sentido, compreender aquilo que não é, ou, sobre aquilo de que não se trata, ou ainda, sob quais horizontes se constituíram o desenvolvimento de um conceito fundamental, se apresenta quanto importante estratégia compreensiva.

Ao observarmos o desenvolvimento da problemática fenomenológica dentro do pensamento heideggeriano, em especial para sua compreensão, para além de um conceito, enquanto uma atividade fundamental, podemos notar seu horizonte enquanto Ontologia Fundamental, uma espécie de ciência mãe na qual emergem todas as ciências possíveis independentemente da ciência sobre sua relação filial. Sobre tal compreensão, é natural que muitos psicólogos e cientistas se furtem, mas não os daseinsanalistas. Assim, nos parece ser esta uma compreensão inicial e basilar a qualquer outra, sem a qual nos encontramos sob o risco de não estarmos sob amparo, assim, etéreos no ar.

Sob igualmente perigo se encontram aqueles que não observam que os ensinamentos heideggerianos não se apresentam enquanto uma Antropologia na qual a Daseinsanalyse Clínica deva ter por base, ou aqueles que não reconhecem que o trabalho clínico psicológico se situa enquanto um desvelar de fenômenos de atividade terapêutica que visa libertar para o corresponder daquilo que vem ao encontro e que insiste em aparecer.

Sendo assim, podemos agora, considerar que a Daseinsanalyse Clínica de Medard Boss se apresenta enquanto uma ciência ôntica ramificada da ontologia fundamental

heideggeriana que, a despeito de se originar no contexto dos debates filosóficos, se afasta deles considerando o trabalho clínico psicológico com vistas ao reestabelecimento da saúde por meio do desvelar dos fenômenos relativos ao ser-no-mundo de cada paciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ARISTÓTELES. *Da interpretação*. São Paulo: UNESP, 2013.
- BINSWANGER, L. *Sonho e Existência*. São Paulo: Via Verita, 2019.
- BOSS, M. A paciente que ensinou o autor a ver e pensar de uma maneira diferente. Em: *Revista ABD*, n.11, 2002.
- BOSS, M. *Existential Foundations of Medicine and Psychology*. New York: Jason Aronson, 1979.
- BOSS, M. *Meaning and Content of Sexual Perversions*. New York: Grune&Stratton, 1949.
- BOSS, M. *Medard Boss: A memoir (1979). Existential Analysis: Journal of Society for Existential Analysis*, 2019.
- BOSS, M. *Psychoanalysis & Daseinsanalysis*. New York: Basic Books, 1963.
- BOSS, M. *Sigmund Freud e o método de pensamento científico*. Em: *Revista ABD*, n.18, 2020.
- CARDINALLI, I. *Daseinsanalyse e Esquizofrenia*. São Paulo: Escuta, 2012.
- CAYGILL, H. *Dicionário Kant*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- DARTIGUES, A. *O que é fenomenologia?* São Paulo: Centauro, 2013.
- EVANGELISTA, P.E. A recepção do inconsciente freudiano pela Daseinsanalyse de Medard Boss. Em: *Revista ABD*, n.14, 2004.
- GADAMER, H-G. *O caráter oculto da saúde*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- GOBRY, I. *Vocabulário grego da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- INWOOD, M. *Dicionário Heidegger*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- JASPERS, K. *Psicopatologia Geral*. São Paulo: Atheneu, 2000.
- KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- MINKOWSKI, E. *El tempo vivido*. México: Fondo de Cultura Económica, 1973.
- MONHO, R. Considerações sobre a pergunta pelo sentido de ser na perspectiva da clínica daseinsanalítica. Em: *Revista ABD*, n.18, 2020.
- NUNES, B. *Heidegger & Ser e tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- HEIDEGGER, M. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HEIDEGGER, M. *Seminários de Zollikon*. Petrópolis: Vozes, 2009.

HEIDEGGER, M. *Seminários de Zollikon*. Rio de Janeiro: Viaverita, 2021.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2012.

HUSSERL, E. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

ZILLES, U. *Texto de introdução – A crise da humanidade europeia e a filosofia*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

Recebido em: 15/11/2023 | Aprovado em: 10/05/2024